

LINGUÍSTICA APLICADA CRÍTICA E O GÊNERO *TRAP*: A ORALIDADE EM SALA DE AULA NAS TURMAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Josivan Soares Ferreira¹
Jordana Silva de Souza Carvalho²
Sílvia Santana Ferreira da Silva³
Cristiano Alves da Silva⁴
Francinete Fernandes de Sousa⁵

RESUMO

O principal objetivo deste estudo foi propor uma abordagem para o trabalho com texto oral em sala de aula, utilizando o gênero Trap brasileiro, nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). É sabido que o texto oral muitas vezes é deixado em segundo plano em relação ao texto escrito, fazendo-se muito presente no ensino médio e na EJA, devido à predominância dos textos dos exames de ingresso no ensino superior, como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Portanto, a proposta surgiu da necessidade de explorar a oralidade e suas aplicações em diversos contextos históricos e sociais, embasando-se na Linguística Aplicada Crítica (LAC). Assim, a estética, a rima e a sonoridade de uma cultura marginalizada encontram um terreno fértil para a formação crítica dos alunos na educação básica. Além disso, considera-se importante discorrer sobre esse artefato cultural contemporâneo, revelando as narrativas, os posicionamentos críticos sociais, o discurso e os múltiplos desdobramentos na construção do texto no gênero Trap. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, embasada no conceito de gêneros do discurso segundo Bakhtin (2006), na importância da Linguística Aplicada Crítica no ensino de Língua Portuguesa conforme Costa e Silva (2022), nas reflexões sobre a contextualização histórica do Trap no Brasil por Moares (2022) e na relevância dos estudos sobre cultura e identidade apresentados por Stuart Hall (2006). Como principais resultados, buscou-se ampliar o repertório e o contato dos alunos da EJA com o texto oral, estabelecendo um diálogo com a Linguística Aplicada Crítica em sua produção social.

Palavras-chave: Linguística Aplicada Crítica, Oralidade, Trap, EJA, Gêneros discursivos.

¹ Pós-Graduando do Curso de Especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul- UFMS. Licenciado em Letras Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFPB, josivansoares@yahoo.com.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFPB, jordanac1806@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFPB, silvia.santana@academico.edu.br;

⁴ Doutor em Ciências da Educação pela FITCS. Mestre em Ciências da Educação pela MINTER. Especialista em Psicopedagogia pela FIP. Graduado em Pedagogia pela UVA-CE e em Serviço Social pela UNOPAR. Graduando do curso de Licenciatura em Letras Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFPB, cristianosilvaa2018@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Mestra em Biblioteconomia pela UFPB. Especialista em Pesquisa Educacional pela UFPB. Licenciada em Letras Português pela UFPB. Docente do Curso de Arquivologia da UEPB, neteducadora@gmail.com;

INTRODUÇÃO

Existem diferentes perspectivas e abordagens para discorrer sobre a teoria dos gêneros textuais. O que elas têm em comum é a importância da linguagem para estabelecer os contextos de produção a partir do processo comunicativo entre os sujeitos em determinados espaços sociais.

Na teoria bakhtiniana, tem-se como perspectiva a linguagem e suas relações sócio-histórica e dialógica, tendo como foco central o dialogismo e a interação verbal (Escola Russa); Já a Escola ou Corrente Alemã, temos como representantes Steger, Gulich, Bergmann e Berkenkotter, tendo uma perspectiva comunicativa e seu foco central o contexto social do discurso e sua ideologia; Swales direcionou seus estudos a partir da perspectiva sociorretórica de caráter etnográfico entre outros representantes.

No tocante a Perspectiva interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico, temos como representante da escola de Genebra Bronckart, Dolz e Schneuwly, tendo como preocupação com a oralidade e a escrita.

Assim, os gêneros discursivos são criados a partir de ações comunicativas em espaços e ambientes sociais, onde as interações entre os sujeitos acontecem no interior dessas relações.

Nessa seara, acredita-se ser importante proporcionar experiências linguísticas a partir do texto oral, sobretudo as construções narrativas produzidas pelos sujeitos sociais que se encontram nas margens da sociedade – movimento negro periférico, quilombolas, indígenas entre outros -, para os educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Dessa forma, o presente trabalho tem como principal objetivo propor uma abordagem para o trabalho com texto oral em sala de aula, utilizando o gênero Trap brasileiro.

Assim, a proposta surgiu da necessidade de explorar a oralidade e suas aplicações em diversos contextos históricos e sociais, embasando-se na Linguística Aplicada Crítica (LAC). Assim, a estética, a rima e a sonoridade de uma cultura marginalizada encontram um terreno fértil para a formação crítica dos alunos na educação básica.

Além disso, considera-se importante discorrer sobre esse artefato cultural contemporâneo, revelando as narrativas, os posicionamentos críticos sociais, o discurso e os múltiplos desdobramentos na construção do texto no gênero Trap.

Como principal resultado buscou-se ampliar o repertório e o contato dos alunos da EJA com o texto oral, estabelecendo um diálogo com a Linguística Aplicada Crítica em sua produção social.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de caráter exploratório, com o objetivo de apresentar uma proposta para trabalhar o texto oral em sala de aula, a partir do diálogo entre a Linguística Aplicada Crítica (LAC) e o gênero musical Trap brasileiro.

A modalidade descrita acima é uma pesquisa exploratória, pois tem como objetivo a aproximação do problema da pesquisa através de hipóteses, a fim de explicá-lo, desenvolvendo e demonstrando conceitos e ideias.

Nas palavras de Gil (2007, p.43) “Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”.

Para possibilitar uma aproximação didática com a temática apresentada, propõe-se uma Sequência Didática (SD), tem como referência os pressupostos de Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), partindo de um tema gerador – relações étnicas raciais -, construindo, assim, uma SD a partir da escolha de gêneros discursivos que provocam a reflexão, produção de sentidos e diversos pontos de vista sobre a urgência do uso do texto oral e, sobretudo, os textos produzidos pelo povo preto e periférico.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. LINGUÍSTICA APLICADA CRÍTICA (LAC): breves e introdutórias reflexões

Compreende-se que a Linguística Aplicada Crítica (LAC) como uma ciência da linguística aplicada que trabalha com a língua/agem a partir das práticas sociais, entendendo, assim, os sujeitos políticos que as constroem enquanto produtores de sentidos e ideologias.

Ao adentrarmos sobre a origem da LAC, temos como marco o livro de Pinnycook (2001), *Critical Applied linguistics: a critical introduction*. Para Costa e Silva (2022, p. 433)

“Os linguistas aplicados têm como base de conhecimento as necessidades do problema investigado. Assim, usar a língua para a LAC significa posiciona-se política e ideologicamente, refletindo nossas marcas identitárias e nossa postura de conhecimento”

Para Costa e Silva (2022, p. 434 *apud* PENNYCOOK, 1998, p. 24), é “dever de a linguística aplicada analisar as bases ideológicas dos conhecimentos que produzimos”.

Assim, os autores corroboram com a premissa de que a linguagem é um campo de disputa de poder e, cabe a escola e ao educador, seja em uma educação formal ou informal, possibilitar que os sujeitos sociais nas suas diversas instâncias de poder, construam reflexões críticas que desmontem o que está dito e estabelecido.

2. O TEXTO ORAL EM SALA DE AULA: realidade, utopia ou uma escolha política e ideológica?

Proporcionar experiências linguísticas a partir do texto oral, sobretudo as construções narrativas que desnudam e descortinam as realidades fora do ambiente “normativo” escolar, é mister ao se pensar sobre as produções textuais oriundas das periferias brasileiras.

Empreende-se que o contato com o texto/produção narrativa oral permite aos educandos perceberem como os discursos se materializam e cristalizam-se nas diversas esferas sociais de poder. Assim, tem-se a língua/agem como instrumento político de transformação social, perpetuação e disseminação de ideologias.

Pois, de acordo com Cavalcante (2009)

“não há discurso neutro ou inocente, uma vez que ao produzi-lo, o sujeito o faz, a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica e, assim, veiculam valores, crenças, visões de mundo que representa os lugares sociais que ocupa. (p.25)

Dessa forma, o texto produzido pelos sujeitos sociais que se encontram nas bordas da sociedade diz sobre suas realidades, expectativas e vivências na igreja, nos grupos sociais, nas associações, nas comunidades quilombolas entre outros.

Estes discursos são carregados de histórias e práticas sociais que refletem-se em narrativas que questionam a realidade dada através de rimas e versos na chamada música de preto, de favelado.

Assim, os sujeitos sociais e suas múltiplas realidades encontram nos gêneros orais, como por exemplo, a letra de música de *Funk*, *Rap* e *Trap*, o espaço para suas reflexões mais poéticas e criativas.

3. O GÊNERO TRAP: origens e diálogo com a realidade brasileira

A mais genuína expressão das culturas periféricas, o gênero *Trap*, subgênero do *Rap*, surgiu em Atlanta, EUA, por volta dos anos 2000, para designar artistas negros das periferias estadunidense, que através de versos, rimas e sonoridade marcante, denunciava o racismo, a violência e o abono do Estado.

No Brasil, o gênero ganhou espaço no cenário *underground* das periferias de São Paulo e Rio de Janeiro, por volta dos anos de 2013 e 2014, destacando nomes como o cearense Matuê, o grupo paulista RecaydMob, o mineiro Sidoka, também nomes como Djonga, Baco do Exu Blues entre outros.

Segundo Vasquez (2022, p.1), “A palavra *Trap* é uma gíria americana usada para designar localidades perigosas, geralmente periferias que sofrem com a desigualdade social e estão cercadas por gangues”.

Dessa forma, rimas, batidas letras, melodias e construções narrativas que se aproximam do dia a dia linguístico das comunidades, se entrelaçam com o sentimento e a identidade poética do trapper.

Segundo Fonseca (2020, p.1), “Letras genéricas, efeitos que distorcem a voz, batidas graves e acompanhadas de rimas carregadas. São características do *Trap*, que vai muito além de um gênero musical. É uma cultura”.

Para Vasquez, “É em meio a este ambiente que surgem as letras do *Trap*, relatando a realidade vivida por estas comunidades, assuntos como política e direitos humanos são semelhantes ao estilo *Rap*, (...)”. (2022, p.1).

Par exemplificar a tese ora levantada, destacando trechos da trapper Sidoka, em *n me sendo mal mais*:

Eu tive sorte da sorte me ter, Tive miragem de um dia te ter, Tive profeta e passei comoser Tá DNA que cê vai me perder, Como beija, amor. Fiz esse passado tomar Dramin , Eu fiz ela gamar no menor baixin', Eu num esqueço do meus mano, Porque faço com meus mano, Miliano aqui de trampo, Agora vem pra mim!

Nesse cenário, vemos as identidades outras assumirem protagonismo ao questionar o que está estabelecido fazendo da voz, das palavras e narrativas, instrumentos de interação e visibilidades da pluralidade cultural. (HALL, 2006).

Tal perspectiva de ensino do texto oral a partir das narrativas produzidas pelas periferias ganho um significado de pluralidade e pertencimento enquanto possibilidade de se pensar em uma política linguística que contemple os sujeitos sociais e seus locais de produção de cultura e identidade.

4. O USO DO TEXTO ORAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA):

uma proposta de Sequência Didática

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – TEMA GERADOR – RELAÇÕES ETNICORRACIAIS

1. Quantidade de aulas: 05 aulas de 50 minutos - Série: Ciclo VI – EJA

AULA 1 - Eixos trabalhados: Leitura e oralidade

Gênero textual escolhido: **Letra de música** – Tempos verbais e Tipos de discursos

1) Preparação para a leitura do texto: Você costuma ouvir música, seja em *streaming* de músicas pagos ou gratuitos? Ouvir algum *podcast*? Qual (ais) gêneros musicais costumam ouvir e por quê? Costumam prestar atenção letras e acompanhar seus sentidos, rimas e versos?

2) Apresentar no Data-show e em grupos de *whatsapp* e *Instagram* o seguinte texto: Era só mais um Silva (MC Serginho):

Todo mundo devia nessa história se ligar / Porque tem muito amigo que vai para o baile dançar / Esquecer os atritos, deixar a briga pra lá / E entender o sentido quando o DJ detonar (solta o rap DJ)

(Refrão)

Era só mais um Silva que a estrela não brilha/ Ele era funkeiro, mas era pai de família/ É só mais um Silva que a estrela não brilha/ Ele era funkeiro, mas era pai de família

Era um domingo de sol, ele saiu de manhã/ Pra jogar seu futebol, deu uma rosa pra irmã / Deu o beijo das crianças, prometeu não demorar / Falou pra sua esposa que ia vir pra almoçar

(Refrão)

Era trabalhador, pegava o trem lotado/ Tinha boa vizinhança, era considerado / E todo mundo diziam que era um cara maneiro/ Outros o criticavam porque ele era funkeiro/ O funk não é modismo, é uma necessidade/ É pra calar os gemidos que existem nessa cidade

(Refrão)

E anoitecia, ele se preparava/ É pra curtir o seu baile que em suas veia rolava/ Foi com a melhor camisa, tênis que comprou suado/ E bem antes da hora, ele já estava arrumado/ Se reuniu com a galera, pegou o bonde lotado / Os seus olhos brilhavam, ele estava animado/ Sua alegria era tanta ao ver que tinha chegado/ Foi o primeiro a descer e por alguns foi saudado

Mas naquela triste esquina, um sujeito apareceu/ Com a cara amarrada, sua alma estava um breu Carregava um ferro em uma de suas mãos / Apertou o gatilho sem dar qualquer explicação/ E o pobre do nosso amigo, que foi pro baile curtir/ Hoje com sua família ele não irá dormir.

Fonte: <https://www.letras.mus.br/mc-serginho/435894/> . Acesso em: 21 jul 2024.

3) Discutir oralmente com os alunos:

- O texto nos remete a um assunto de relevância para uma pessoa, um grupo de pessoas ou à sociedade como um todo? Por quê?
- Analisando o texto, quais os assuntos você espera encontrar e para qual (ais) público (s) o texto está direcionado?

4) Entregar à turma uma cópia do texto e solicitar que seja feita uma leitura silenciosa. Em seguida, mediante formação de duplas, solicitar que os alunos reflitam sobre as impressões discutidas anteriormente se configuram após a leitura do texto. Durante a discussão, os alunos devem também definir: gênero textual e objetivo do texto.

AULA 2 - Eixos trabalhados: Leitura, Oralidade e Análise Linguística

Gênero textual escolhido: **reportagem**

- 1) Releitura do texto da aula anterior; 2) Correção da atividade de compreensão
- 3) Perguntar aos alunos como o conteúdo do texto impacta na sua vida, da comunidade e da sociedade. Em seguida, exibir outros suportes de circulação do texto (*Podcast, Sportify, Twitter*) sobre o principal assunto abordado no texto.
 - Perguntar aos alunos quais informações adicionais (intertexto) foi utilizado para agregar valor ao texto ora apresentado



INÍCIO > GERAL

RACISMO ESTRUTURAL

Quase 70% da população carcerária do Brasil é negra

Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostra que recorte racial histórico se mantém nas prisões brasileiras

Nara Lacerda
Brasil de Fato | São Paulo (SP) | 18 de julho de 2024, às 18:11



Fonte: Revista Brasil de Fato (BdF).

<https://www.brasildefato.com.br/2024/07/18/quase-70-da-populacao-carceraria-do-brasil-e-negra#:~:text=Dados%20do%20Anu%C3%A1rio%20Brasileiro%20de,realidade%20registrada%20sucessivamente%20pelo%20estudo>. Acesso em 21 julho

Os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública apontam que, em 2023, 69,1% das pessoas encarceradas no Brasil eram negras. Os resultados do ano passado repetem uma realidade registrada sucessivamente pelo estudo.

“Em nenhum momento da série histórica, que cobre o período entre 2005 e 2023, a representação racial se deu de modo diferente. Estamos lidando, portanto, com

um processo criminal que tem cor. É razoável supor, a partir daí, que a decisão de quem será parado, revistado, detido e condenado é guiada pela raça”, alerta o levantamento.

A maior parte das pessoas negras encarceradas é composta por homens, que somam mais de 805 mil indivíduos nessa condição. Entre as mulheres o número é de 49,7 mil. No entanto, mesmo fora da prisão, elas são vítimas desse cenário.

Responsáveis pela chefia de um extrato considerável das famílias de pessoas presas, as mulheres sofrem as consequências de ter que arcar com o sustento e estabilidade desses grupos familiares enquanto os companheiros estão na prisão.

“É essa mesma mulher que segue no suporte, para além dos que lhes descendem, dos seus irmãos, seus parentes, amigos e conhecidos” aponta o levantamento. Além disso, o anuário aponta que, no caso das mulheres que estão dentro do sistema prisional, faltam adaptações e medidas específicas, que ainda não são colocadas em prática no Brasil.

A Organização das Nações Unidas (ONU) tem um conjunto de normativas que estabelecem diretrizes ao tratamento da população feminina no cárcere. As Regras de Bangkok levam em consideração especificidades como a maternidade, as relações familiares e até a garantia de artigos de higiene apropriados.

5) Compreensão do gênero textual: (Entregar atividade de compreensão textual):

Após ler o texto, responda às questões, em duplas, a partir da discussão com seu colega:

1) Qual é o gênero textual e seu objetivo? ;2) Quando o texto foi escrito e qual é o seu veículo de circulação? 3) Quem é o produtor do texto? 4) Qual é o contexto da produção do texto lido? 5) No que se refere à estrutura (tipologia) textual, você diria que o texto é predominantemente: a. Descritivo. b. Dissertativo. c. Narrativo d. Injuntivo.

6) Justifique a resposta da questão anterior, utilizando trechos do texto.

AULA 3 - Eixos trabalhados: Leitura, oralidade, análise linguística e produção textual

Preparação para a produção textual

1) Projetar no Data-show duas imagens contendo uma frase informativa e solicitar que formem duplas e que seja produzida uma notícia a partir das propostas que seguem abaixo:

Atividade: Produção de uma notícia

Imagine que o trecho ou ilustração faça parte de uma notícia. Explore o contexto e elabore uma notícia. A notícia, a partir da imagem, pode ser sobre as diversas áreas da

sociedade: política, cultura, moda, entretenimento, redes sociais, celebridades, meio ambiente entre outros.

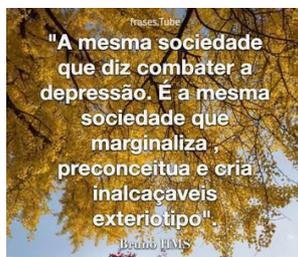
Imagem 1:



Fonte: Google imagens

A chamada “Sociedade em Rede” enfrenta grandes problemas de ordem social, pessoal, política e econômica quanto ao excesso de desinformações e informações mentirosas.

Imagem 2:



Fonte: Google imagens.

Adolescentes e jovens cada vez mais cedo apresentam quadros de depressão e ansiedade devido à busca por um padrão de beleza presente nas redes sociais, *outdoors* e capas de revista.

- 2) Após leitura da imagem e da informação que acompanha cada uma, individualmente, cada aluno deve produzir uma notícia e o suporte de circulação.
- 3) Após tal empreitada, os alunos deverão formar duplas. Os alunos devem perguntar ao colega de dupla o porquê da escolha da notícia ora apresentada.
- 4) Finalizada a discussão oral, cada aluno deve escrever sua produção inicial de uma notícia a partir da temática discorrida com o colega.

AULA 4 - Eixos trabalhados: Leitura, oralidade, produção textual e análise linguística

- 1) Após a correção individual dos textos dos alunos, o professor deverá elencar problemas que apareçam com recorrência nas produções textuais, especialmente no que se refere à construção do discurso narrativo, descrição das notícias de forma breve e

objetiva, relato de fatos, acontecimentos, dados e fontes que consiste na análise linguística da SD.

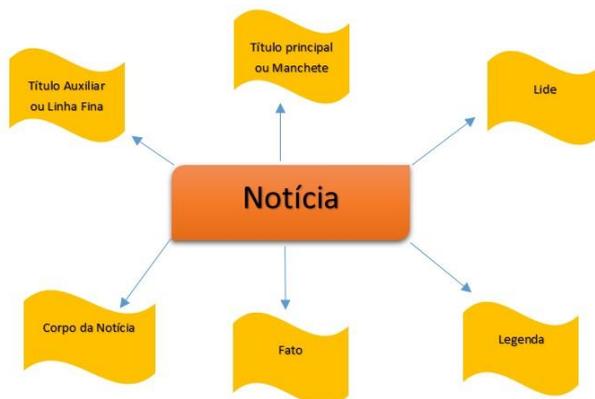
Possíveis problemas:

- Construção do discurso indireto: tempos verbais, pois a notícia faz referência a informações passadas, presentes e abre espaço para perspectivas futuras e ordem do discurso; Elaboração de parágrafos longos ou ambíguos: efeito de sentido, clareza.
- Argumentação e construção de ideias de forma que partam da informação principal (manchete) para informações secundárias; coesão, coerência, uso de operadores argumentativos, pontuação; Formatação do gênero: verificar inadequação a estrutura composicional da notícia (excesso de informações, deixando a notícia longa e fugindo do objetivo do gênero).

2) Havendo tempo, o professor pode pedir que os alunos troquem suas produções para que um educando contribua com o texto do outro.

Aula 5 – Eixos trabalhados: Oralidade, produção textual e leitura

1) Produção final: Os alunos devem reescrever o texto trabalhando os pontos sugeridos pelo professor para melhorá-lo partir de um *chekliste* explicação, a saber:



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da premência dos estudos sobre a importância das discussões do uso do texto oral em sala de aula nas turmas da EJA, a presente pesquisa mostrou-se salutar ao eleger as produções narrativas oriundos dos agentes sociais que se encontram nas bordas da sociedade.

Para tal, torna-se importante instrumentalizar professores e professoras com temáticas e sequências didáticas que abordem temas tão sensíveis e urgentes para a reflexão de jovens e adultos: questões étnico-racial.

Assim, discorrer sobre o texto oral nas turmas finais da educação básica e da EJA é um ato de resistência em favor da construção de cidadãos e cidadãs que refletem sobre os discursos enraizados sobre o texto escrito em detrimento nas construções orais.

Dessa forma, a linguagem configura-se enquanto elemento de interação, de afirmação de ideologias e pensares através dos enunciados que emergem através da ação dialógica entre os sujeitos de forma reflexiva e crítica.

Por fim, trazer à baila as vivências e histórias das identidades através do gênero Trap, possibilita aos alunos e alunas refletirem sobre a sociedade, sobre os espaços e exclusão sociais e com posicionar-se sobre os formas de produzir os textos a partir dos espaços de cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contribuir para uma política linguística que busca discorrer e interagir com a diversidade cultural da língua/gem a partir do uso da produção oral de diversos gêneros discursivos que emergem das camadas mais populares e quebram a hegemonia dos grandes centros de produção e circulação de narrativas monosemânticas mostra-se um desafio para professores e professoras em todo o Brasil.

Assim, a proposta surgiu da necessidade de explorar a oralidade e suas aplicações em diversos contextos históricos e sociais, embasando-se na Linguística Aplicada Crítica (LAC). Assim, a estética, a rima e a sonoridade de uma cultura marginalizada encontram um terreno fértil para a formação crítica dos alunos na educação básica.

Assim, para possibilitar uma aproximação didática com a temática apresentada, propõe-se uma Sequência Didática (SD), tem como referência os pressupostos de Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), partindo de um tema gerador – relações étnicas raciais -, construindo, assim, uma SD a partir da escolha de gêneros discursivos que provocam a reflexão, produção de sentidos e diversos pontos de vista sobre a urgência do uso do texto oral e, sobretudo, os textos produzidos pelo povo preto e periférico.

Como principal resultado buscou-se ampliar o repertório e o contato dos alunos da EJA com o texto oral, estabelecendo um diálogo com a Linguística Aplicada Crítica em sua produção social.

Por fim, proporcionar experiências linguísticas a partir do texto oral, sobretudo as construções narrativas que desnudam e descortinam as realidades fora do ambiente “normativo” escolar, é mister ao se pensar sobre as produções textuais oriundas das periferias brasileiras.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Maria do Socorro de Oliveira *et al.* **Análise do discurso: fundamentos e práticas.** Maceió: Edufal, 2009.

COSTA, Marcus Vinícius Soares da. **RAP: a literatura marginal (periférica) como metodologia no ensino de língua portuguesa.** Entre parênteses, Alfenas, v.10, n.1, p.1-19, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/1157> . Acesso em: 22 jul 2024.

COSTA, Michele Campêlo; SILVA, Kléber Aparecido da. **A linguística aplicada e o ensino de língua portuguesa: tecendo fios a partir da Base Nacional Comum Curricular.** Rev. Da ABRALIN, v. XXI, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2129> . Acesso em: 22 jul 2024.

FONSECA, Thiago. **Conheça o Trap: subgênero do rap é um dos que mais cresce em plataformas digitais.** Disponível em: <https://culturadoria.com.br/conheca-o-trap-sub-genero-do-rap-e-um-dos-que-mais-cresce-nas-plataformas-digitais/>. Acesso em: 21 jun.2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5º ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HILL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11º ed., DP&A: Rio de Janeiro, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michelle. Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: Apresentação de um Procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola** / Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

VASQUEZ, Pedro Pina. **TRAP brasileiro, o som que promete revolucionar.** Disponível em: <https://agent.pucsp.br/noticias/trap-brasileiro-o-som-que-promete-revolucionar>. Acesso em: 21 jun. 2023.